VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais
Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004
Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087 · 3001-401 Coimbra, Portugal
Telef +351 239 85 55 70 Fax + 351 239 85 55 89
email lusoafrobrasileiro@ces.uc.pt
url http://www.ces.uc.pt/LAB2004
A QUESTÃO SOCIAL NO NOVO MILÉNIO

ARTE EDUCAÇÃO PARA JOVENS DE PERIFERIA URBANA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DA CRIMINALIDADE

Carmem Silvia Sanches Justo (Universidade Estadual Paulista); Joana Sanches Justo (Universidade Estadual de Londrina);
Luciana Ramin (Universidade Estadual Paulista/ Brasil)

Introdução

O espaço escolar é o principal lugar de atuação e socialização do adolescente, lugar privilegiado para a difusão do conhecimento, expansão intelectual e afetiva do aluno. Na sociedade atual, globalizada, capitalista e cada vez mais competitiva, o tempo que os pais podem dedicar a seus filhos é escasso, o que faz aumentar ainda mais as responsabilidades da escola com a educação e a formação geral de futuros cidadãos. Urge a importância de se apropriar desse espaço, fazendo dele um ambiente propício para ampliar a consciência critica de todos os agentes sociais –educadores, pais e alunos – valorizando a participação e a co-responsabilidade como instrumentos importantes à

efetiva consolidação da democracia em nosso país e para construir uma escola cidadã, que seja um antídoto eficaz no combate ao desinteresse dos alunos pelos assuntos escolares, à indisciplina e à violência emergente nas escolas e na sociedade, de maneira geral.

Nos dias de hoje é imprescindível buscar estratégias de prevenção, pois ao observarmos os números sobre a violência é fácil concluir que medidas de enfrentamento devem ser tomadas sob o risco de nós, ou de nossos familiares, sermos os próximos a engrossar as estatísticas sobre o fenômeno da criminalidade. Ainda mais desalentador é perceber que a participação do jovem nas ocorrências criminais tem crescido nitidamente. Dados comparativos de pesquisa conduzida em Marília/SP, cidade de aproximadamente duzentos mil habitantes, apontaram que em 1996, 58% dos envolvidos em ocorrências criminais tinham até 25 anos; em 2001 esse número saltou para 71%, sem considerar os atos infracionais cometidos por menores de 18 anos (Félix, 2002).

Não é tarefa fácil identificar as causas da violência, mesmo reconhecendo que inúmeros pesquisadores, de diferentes áreas de estudo, como Costa (1988, 1997), Zaluar (1994), Morin (1998), Castro (2001), entre outros, têm ampliado as reflexões sobre o assunto. Em suas análises, que muito contribuíram no aporte teórico do projeto Violência e arte-educação para a cidadania, vimos que problemas como a pobreza, má distribuição de renda, desemprego, poder crescente do narcotráfico, escola ineficiente e falta de políticas públicas preventivas direcionadas ao segmento infanto-juvenil da população são ingredientes importantes para o aumento da violência, embora nenhum deles sozinho faça crescer a participação do jovem na criminalidade.

Os fatores subjetivos, intrafamiliares e culturais interagem na determinação desse avassalador problema da violência, que se estende para cidades brasileiras de médio porte, atingindo sobretudo os jovens. Por tratar-se de um fenômeno bastante complexo e multicausal, seu enfrentamento depende da percepção tanto de fatores estruturais, ou seja, ligados ao empobrecimento de parcelas cada vez maiores da população, como de ingredientes subjetivos fermentados no caldo de uma cultura marcada pela exclusão e intolerância às diferenças. Vivemos tempos de velozes mudanças tecnológicas e grande apelo ao consumo voraz, entretanto, os níveis de desemprego sobem a níveis assustadores e a sociedade cresce em adversidade e não no respeito à diversidade de pensamento e culturas.

Com a crescente onda de desemprego, como faz notar Sevcenko (1998), assistimos a uma seleção cada vez mais rigorosa das pessoas que passam a ter o direito

de acesso ao mercado e, portanto, participação direta no consumo, que agora são as instituições balizadoras da sociedade.

São poucos os jovens qualificados que têm a chance do emprego, a maioria fica fora do mercado de trabalho e des-espera, a mercê de uma moratória social interminável, com conseqüências sabidamente prejudiciais ao bem estar coletivo e a sua subjetividade: rebeldia, atitudes violentas, auto-desvalorização acompanhada de crises depressivas ou maníacas ("to nem aí", "o mundo é que se exploda") são algumas delas. Além disso, o adjetivo "qualificados" já pressupõe um critério de exclusão para os jovens, porque os mais qualificados são os que tiveram boa escola, casa, comida, família, garantia de saúde etc.

Na lógica de mercado, uma vez que a "oferta jovem" (infelizmente, nessa lógica perversa, pessoas são equiparadas à mercadoria) é maior que a procura, as esferas do processo de seleção social ampliam–se e passam a cercar de todos os lados. Dessa forma, se há muitos jovens e somente uns poucos para *pertencer* à sociedade, escolhem-se aqueles que falam certo. Há palavras ou modos de falar que não caem bem, assim como certas roupas também; há jovens que fazem um som que diz coisas (violência, racismo etc) não muito certas, conforme o gosto do mercado; assim como há jovens com certo tom de pele e os de famílias certas.

A história mostra que esse processo de exclusão social, que reproduz cada vez mais contingentes de subcidadãos condenados a viver na invisibilidade, a maior punição para qualquer habitante da nossa *cultura narcisista* (Lasch, 1979), cujo valor maior é a imagem, não é assistido passivamente pelos jovens, podendo gerar reações individuais e organizadas, políticas e culturais, pacíficas e violentas. Exemplos que podem ser citados, entre outros, são os movimentos de jovens alemães e holandeses, em fins dos anos 70, de ocupação de casas vazias que ficavam aguardando valorização imobiliária, conforme sublinha Sevcenko (1998); e mais recentemente o movimento *rap,* sigla americana que significa *rithym and poetry,* de grande repercussão no Brasil.

Os versos transcritos abaixo, da música Senhas, de Adriana Calcanhoto, parecem bem expressar a repulsão juvenil ao esteticismo das atuais relações "de aparência": "eu não gosto do bom gosto/ eu não gosto de bom senso/ não/ não gosto dos bons modos/ não gosto/ eu gosto dos que têm fome/ dos que morrem de vontade/ dos que secam de desejo/ dos que ardem".

Desenvolvimento do projeto

Quero pertencer para minha força não ser inútil.
C. Lispector

O pensamento acima traduz o desejo dos milhões de jovens, principalmente dos mais vitimados pela exclusão econômica e social, nessa sociedade que dissemina muitos símbolos de riqueza, mas cujo desfrute é reservado a poucos.

Os projetos articulados ao Núcleo de Ensino da UNESP/campus de Marília-SP têm tentado promover este pertencimento reclamado pelos jovens, conseguindo neutralizar algumas de suas atitudes agressivas, principalmente na escola, tais como brigas entre pares, depredação de prédios ou de equipamentos, desrespeito aos funcionários, professores e colegas.

Conforme sublinha Mendonça (2002), indisciplina e violência são problemas que atingem não só os níveis mais altos do ensino, mas também estão alcançando as primeiras séries do ensino fundamental. Superá-los, ou pelo menos atenuar sua emergência, ocorrerá com a devida valorização dos professores, alunos e pais enquanto partícipes ativos da vida coletiva na escola e nos locais em que vivem, reconhecendo a necessidade de pertencer, que todos temos, de sentir a escola e os demais espaços por nós *habitados* (palavra que alude à internalização de hábitos) como lugares que ajudamos a construir e podemos transformar.

Concordamos com Castro (2001) que "tornar-se cidadão não se constitui uma tarefa apenas baseada na aprendizagem diligente e racional de idéias e valores, mas na projeção afetiva do eu aos espaços onde a vida humana se constrói, através do convívio com o outro" (p.116).

Alguns estudos por nós conduzidos anteriormente, (Justo, 2000, 2003), ao lado dos realizados por Abramovay (2001), Castro (2001) têm demonstrado que atividades

“além da lousa” realizadas na escola, como por exemplo oficinas de grafite e fotografia, discussão de filmes ou de contos literários, entre outras, são importantes para dar visibilidade aos interesses expressivos do jovem, mantê-lo afastado de situações de risco ou até mesmo para resgatá-lo de uma condição violenta para uma outra, em que possa re-significar suas experiências de vida, afirmando sua identidade e avançando na compreensão de si mesmo, dos outros e da cultura.

Trata-se de oferecer aos jovens algumas atividades de cunho artístico que preencham o vazio de oportunidades lúdicas e educativas, sobretudo para os confinados na periferia da cidade, e os aproxime do cinema, da literatura etc, ativando seu imaginário, provocando um campo múltiplo de devires humanos e possibilidades de invenção da vida. A narrativa fílmica, ao contrário dos textos didáticos ou teóricos, não tem a pretensão de trabalhar com uma suposta verdade, favorecendo a interlocução livre do rigor ideológico ou científico. A literatura, como bem diz um dos ensaios de Antonio Cândido (1992), e o mesmo poderia ser dito em relação às demais manifestações artísticas, “desenvolve em nós a quota de humanidade necessária, na medida em que nos torna mais compreensíveis e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p. 19).

Desafios e atividades

Não basta ter queijo e faca,
precisa ter fome.
Adélia Prado

Nosso principal sujeito de análise e intervenção do Projeto Violência e arte-educação para a cidadania, desenvolvido em duas escolas públicas de Marília-SP, era o próprio aluno de ensino médio, mas se fez necessário, também, um trabalho que envolvesse toda a comunidade escolar, diante do desafio de ajudarmos construir uma outra escola, menos burocrática e nada aparentada a um “cemitério de vivos” (Tragtemberg,1974), tentando encontrar caminhos que possam nos levar a um futuro mais promissor, com oportunidades de emprego, justiça social, melhor distribuição de riquezas e de poder na sociedade brasileira.

Como garantir vida digna à maioria das famílias des-esperadas, sem perspectiva de melhoria?; O que fazer para dar visibilidade ao talento e interesse de gente jovem “que não quer só comida, mas diversão e arte”, como é o lema de uma das músicas, bastante

popular, dos Titãs ?; O que fazer para que crianças e os jovens tenham os direitos respeitados, ao mesmo tempo cumpram os deveres de aluno, cidadão e ajam com responsabilidade?; Como partilhar o poder entre todos que fazem a escola, incentivando o orçamento participativo, a atuação das APMs e dos Grêmios Estudantis?; Como recuperar a confiança na educação, elevar a auto-estima dos educadores, vilipendiados com baixos salários; O que fazer para reverter a falta de interesse de grande parcela dos pais pelos assuntos escolares e sociais mais amplos?

Ao se ter clareza desses desafios, não obstante a consciência dos limites de nossa compreensão e das ações do projeto em pauta, questões menores como: ausência de quadra de esportes coberta para realizar oficinas de arte-educação com os alunos ou debates de filmes, desafetos entre alguns professores ou destes com a direção da escola, pouca responsividade dos pais aos chamados para discussões sobre o andamento do projeto, gradativamente foram sendo deixadas de lado e substituídas pelo interesse estratégico de se buscar os melhores momentos e espaços para o projeto ir se consolidando em suas diversas frentes: junto aos alunos, aos pais e aos professores.

Assim, fomos ocupando espaço nas reuniões de planejamento, no início do ano letivo; outras vezes participando da idealização de Semanas Culturais; aproveitando, também, aulas vagas para envolver alunos no debate de filmes; oferecendo oficinas de fotografia abertas à comunidade nos finais de semana, ou no período em que os alunos não freqüentavam as aulas regulares. .

Realizamos com os alunos oficinas de dança de rua e flamenca, importante para devolver a eles auto-estima e valorização do próprio corpo; abrimos espaço de discussão sobre o movimento hip-hop, que é forte em uma das escolas parceiras do projeto, incentivando o *protagonismo juvenil* e acolhendo os interesses dos jovens. Trabalhamos com os pais, os professores e também com os alunos, através de grupos de discussão, debates de filmes etc, com o propósito de identificar a representação de cada um deles a respeito da violência, na escola e nos espaços sociais mais amplos e levantar suas propostas para melhoria do ambiente escolar, do bairro e da cidade. Dessa forma, tentou-se provocar a curiosidade dos alunos, de seus pais e a fome dos professores de transgredir os métodos e conteúdos oficiais de ensino, pois como aludem os versos que tomamos como epígrafe, não bastam os “queijos e as facas”.

Professores e pais

O que era jovem, novo, hoje é antigo

e precisamos todos rejuvenescer.

Belchior

Na análise dos problemas emergentes nas escolas participantes da pesquisa, partimos do pressuposto que, se há algo errado com os alunos que, em geral, são apáticos ou rebeldes, deve também haver algo errado com os professores, pois uns refletem as atitudes dos outros, daí a importância de se trabalhar com os dois segmentos. Em um primeiro momento, os professores demonstraram uma certa dificuldade para reconhecer que poderia haver algo errado em suas práticas. Sua profissão é vista sem crédito ou prestígio, sua atuação em sala de aula é questionada e todo esse clima de insegurança poderá reforçar nele um sentimento de desamparo, gerar sensações de fracasso e impotência. O professor, talvez, por se sentir acuado, sobrecarregado e mal-assessorado, não consiga criar o estímulo devido para os alunos e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem é prejudicado.

Na visão de alguns docentes, as chamadas manifestações de violência na escola são comumente explicadas pela conduta do "aluno-problema", indisciplinado e que apresenta baixo aproveitamento das aulas, constituindo um obstáculo para a realização das atividades do professor. Responsabilizar unicamente o aluno ou empurrar a culpa para fora da escola é um equívoco ético desses professores que, embora comprometidos com a transmissão de valores e a elaboração dos saberes socialmente construídos, se eximem da função primeira e muitas vezes não se consideram co-responsáveis pela crise na educação escolar, sucumbindo à desvalorização da própria categoria profissional e reforçando involuntariamente atitudes agressivas e de descrédito dos alunos.

Nas discussões empreendidas com professores e pais, percebe-se que família e escola medem suas forças num jogo de empurra-empurra em que ninguém quer tomar para si a responsabilidade de educar a criança e o jovem para o exercício da cidadania, tornando-os cônscios de seus direitos e deveres. Criticam-se mutuamente pela crise em que mergulha a educação e a escola, sem reconhecer que ambas têm responsabilidades e que, embora sejam entidades distintas, família e escola devem cooperar entre si na difícil tarefa de formar cidadãos detentores dos saberes historicamente construídos, autônomos e críticos frente à sociedade em que estão inseridos.

No processo educacional, alunos, professores, direção e demais instâncias escolares formam uma verdadeira teia de influências; a forma como é desenvolvido o trabalho de um, atua diretamente sobre o resultado do trabalho dos outros. Portanto, toda

a comunidade escolar deveria ter clara sua função social, assim como cada agente deste complexo processo deveria, igualmente, compartilhar desta clareza, com o intuito de conhecer a realidade da escola e de seus alunos, traçar sonhos e juntos trabalharem para reduzir a distância que os separa da realidade. Entretanto, esta necessária articulação entre toda a comunidade escolar está longe de ser percebida pela maioria dos professores participantes dos grupos de discussão; nem todos percebem que a indisciplina pode ser um alerta de que algo vai mal ou reconhecem que o aluno é um autêntico porta-voz da relação em sala de aula e que o professor deve estar sensível ao que ele realmente quer dizer através dos seus atos.

Sabemos que se exige bastante do professor: cobra-se muito dele, deve dominar diversos saberes e técnicas, e em troca lhe oferecem pouco incentivo e baixos salários. Somente por meio da reflexão sobre o que faz, o educador consciente poderá atingir os objetivos almejados, tentando aproximar seu pensamento utópico de sua prática política-pedagógica, assumindo cada vez mais as qualidades do educador progressista, que nos foram legadas por Paulo Freire (1995): *paciência impaciente* para conquistar mudanças, *coragem* (agir com o *cor*ação) para vencer o medo.

Nas discussões com os professores sobre indisciplina escolar e violência social, de forma ampla, pretendia-se contribuir para que o papel de educador fosse resgatado, para que ele pudesse se sentir sujeito de transformação, competente e capacitado para desempenhar a função que é sua. Faz-se necessário que o professor re-avalie sua postura e compromissos sociais a fim de responder às demandas da sociedade e formar cidadãos criativos; que o professor não se limite ao conhecimento de apenas alguns métodos e técnicas específicas, mas crie as ferramentas indispensáveis a sua formação contínua e saiba buscar respostas aos problemas vividos pelos alunos, na escola e fora dela, atento à lição do poeta Manoel de Barros (2003): “tudo o que eu não invento é falso”.

Além do trabalho de reflexão realizado com os professores, oportunizamos aos pais dos alunos oficinas de fotografia e debates de alguns filmes nos finais de semana, como o instigante “Bicho de sete cabeças” (2000), dirigido por Lais Bodanzky, procurando aproximá-los da escola, dos filhos e fazê-los reconhecer que o cuidado dos pais e o suporte afetivo da família são fundamentais para se concretizar uma educação pautada em valores de solidariedade e responsabilidade social.

Nas oficinas de fotografia, buscamos sensibilizar-lhes o olhar para perceberem aspectos sutis da violência manifestada na escola, e recorremos à leitura de imagens

fotográficas. O trabalho consistiu na análise em grupo de fotos de situações escolares, antigas e atuais, orientada pelas seguintes questões: o que eu vejo?; o que sinto?; o que penso?; como gostaria que fosse?; o que posso fazer para mudar? As análises das fotos apresentadas suscitaram nos pais percepções de que "a escola continua com a mesma rigidez de trinta anos atrás", "a bagunça na aula é porque não estava interessante".

Nos grupos de discussão realizados com os pais, procuramos chamar-lhes a atenção, também, para alguns sinais de violência institucional, pouco perceptível ao olhar comum: as grades e os muros altos da escola, cerceadores da liberdade de ir e vir dos que estão dentro ou fora dela, o autoritarismo de dirigentes, professores e a existência de regras institucionais escolares pouco democráticas. A sutileza da violência simbólica torna difícil sua percepção pelos próprios atores sociais do processo educativo, incluindo-se os pais dos alunos.

Os alunos demonstraram interesse imediato em participar do projeto, se empolgando com a possibilidade de atividades diferentes na escola e, principalmente, com a chance de serem ouvidos. Percebemos que o aluno, de fato, não demonstra muito interesse pela educação formal; não vê muito sentido em aprender "coisas" que ele não sabe onde vai usar e se rebela contra qualquer forma de rigor, autoridade e pedantismo pedagógico.

O professor quer ensinar e, não raro, recorre a atitudes autoritárias para garantir a atenção da sala. Quer que o aluno fique quieto na cadeira, sentado, calado, cumprindo ordens e mesmo que, supostamente, tente diversificar suas aulas e acolher as demandas dos alunos, isso quase sempre se dá de forma autoritária ou condescendente.

Ainda hoje, muito das inovações que transversalizam os currículos escolares, se aproximam do que Pierre Bourdieu chamou de "estratégias de condescendência". Ou seja, as demandas dos alunos por aulas mais dinâmicas e atividades arte-educativas fora das "celas" de aula, são mormente satisfeitas com a ressalva de que não atrapalhem em demasia o conteúdo, não provoquem muito incômodo com saídas a campo, enfim, desde que não atendam ao pedido subjacente a muitos dos interesses dos alunos, de transgressão da oficialidade institucional. A propósito, é importante ter sempre viva a história do surgimento da instituição escolar, agudamente dissecada nos ensaios de Michel Foucault, lembrando que a escola está presente no contexto da modernidade industrial capitalista, não apenas para ensinar saberes, mas para disciplinar as mentes e tornar dóceis e submissos os corpos dos trabalhadores.

Lamentavelmente, não percebemos entre a maioria dos professores participantes do projeto uma postura de acolhimento e de escuta ao o que vem dos alunos; os alunos anseiam serem ouvidos e quando isso não ocorre por via democrática, reações agressivas poderão advir como única saída. Reconhecer que a escola se constrói enquanto espaço de interlocução entre todas as vozes que a fazem existir, sendo fundamental ouvir principalmente aqueles que temos a tarefa de educar, não é de maneira alguma fácil. Assumir uma *posição de escuta* exige do professor, para além de compromissos sociais claramente definidos, que ele demova preconceitos, nele mesmo sedimentados ao longo de anos de autoritarismo institucional; torne-se mais disponível à surpresa do inusitado, sem medo de substituir relações hierárquicas e verticais de poder por relações mais horizontalizadas; flexibilize seus projetos, abandonando a "velha roupa colorida" (nome da música, cujos fragmentos tomamos como epígrafe) e se abra para compreender o recado das novas reivindicações e práticas culturais juvenis.

Muitas vezes o estranhamento dos professores em relação à demanda dos jovens alunos parece se justificar pelo fato dos conflitos da juventude atual passarem ao largo da resistência ideológica e rebeldia política que marcaram os jovens em décadas passadas, sobretudo nos anos sessenta. Hoje, queixa-se de que o individualismo juvenil tomou o lugar da preocupação com a vida coletiva; a busca de prazer solitário substituiu as ações solidárias. Mas, contrariando essa justificativa, encontramos entre os professores participantes dos nossos grupos de discussão um acentuado preconceito aos adeptos do movimento hip hop (movimento de forte conteúdo social reivindicativo) e as suas tentativas de buscar espaço na escola para as três frentes artísticas do movimento: a música rap, a dança break e o grafite. A escola concedeu aos alunos grafitar os muros, entretanto o diretor insistia em sugerir temas ilustrativos para os desenhos; ao lado disso, alguns professores desdenhavam o conteúdo dos raps, argumentando que as letras só falavam de violência.

Raio X **dos alunos**

Você tem fome de que?
Titãs

Aproveitando a necessidade do jovem de falar sobre si, pedimos aos alunos que respondessem a uma enquete denominada *Raio X,* conforme utilizamos em trabalho

anterior de pesquisa (JUSTO, 2003). As informações colhidas junto aos noventa respondentes foram fundamentais para nossa compreensão do cotidiano vivido pelo aluno, de seus sonhos, de suas necessidades e possíveis causas para a rebeldia ou apatia em relação à escola e aos conteúdos de ensino.

No *Raio X* feito pelos alunos, a família apareceu como instituição fundamental para a maioria. Os pais são vistos como as pessoas mais especiais e dignas de admiração: citados como melhores amigos, razão para a felicidade, personificação do amor, sendo o principal medo, perdê-los. Para se divertir, gostam de estar com os amigos em passeios, bares, assistir à TV, jogar vídeo game. Quanto ao amor, afirmaram ser um sentimento necessário a todos; e enquanto uns poucos afirmaram que ainda não o conhecem, a maior parte vê no seio familiar a fonte desse sentimento, considerando as relações familiares como a principal forma de amor conhecida.

Apesar de tão jovens, alguns têm saudade da infância, do tempo que já passou. Alguns também têm medos, algumas vezes, de si mesmo; outros, do futuro ou da morte. Temem não conseguir realizar seus sonhos; sonham com um futuro melhor, com bons empregos. Alguns querem ser jogadores de futebol ou anseiam seguir carreira artística, especialmente cantando Rap. Muitos sonham com um curso superior e querem ser psicólogos, advogados, engenheiros, veterinários, professores. Acreditam que para realizar seus sonhos será preciso muito esforço pessoal, apoio familiar, fé em deus e também oportunidades.

Encontramos muitas respostas que apresentam reivindicações sociais, consideradas como a única maneira de realizar sonhos e atingir o objetivo de melhorar de vida. Em respostas como essas percebemos a noção de direitos que estes adolescentes possuem; também quando discutimos os problemas elencados e as soluções, nos surpreendemos com suas visões críticas. Sobre o bairro e a cidade em que moram, (sendo a maioria deles morador em regiões periféricas ou na zona rural, inclusive), apontaram problemas como: violência, falta de opções de lazer, desemprego, ausência de união, problemas administrativos da prefeitura. Sobre o Brasil, destacaram suas qualidades e belezas naturais, mas não esqueceram de apontar a desigualdade social, a falta de políticas públicas para a juventude, a corrupção na política, a violência nas ruas, a miséria.

A menor parcela dos alunos (dezoito deles) que responderam a enquete, considera o Brasil um ótimo lugar para se viver. Trinta e sete enxergam as qualidades do Brasil, especialmente as riquezas naturais, mas lamentam todas as mazelas a que

estamos expostos. E por fim, vinte e três se referiram enfaticamente aos problemas sociais e econômicos da sociedade brasileira, talvez porque sejam, no universo dos alunos que responderam a enquete, suas maiores vítimas.

A escola é valorizada, embora haja restrições; as criticas foram direcionadas aos professores ruins, à falta de infra-estrutura e de recursos educacionais alternativos; ausência de liberdade para expressar opiniões e interesses, de direitos dos alunos, de acesso à informática e à prática esportiva. Reconheceram que para fazê-la melhorar seria necessário participar mais e cumprir suas obrigações de aluno. Como contribuição para a transformação do bairro, do distrito e da cidade, destacaram a necessidade de maior união das pessoas, a solidariedade, o trabalho voluntário na comunidade e a luta por melhorias no saneamento básico. Percebe-se, enfim, tratar-se de uma geração que parece acreditar no diálogo, nas vias pacíficas e legais para a conquista de direitos.

Considerações Finais

Diante da já citada crise de valores, da crescente inserção do jovem na delinqüência e posterior criminalidade, entendemos ser de suma importância o uso da arte-educação voltada para a prevenção da violência, enquanto se é possível, com jovens alunos que buscam com atitudes de indiferença ou rebeldia, na maioria das vezes, apenas maneiras de serem ouvidos e respeitados. Não estariam eles nos provocando, das mais variadas maneiras, para que nos exercitemos na alteridade, colocando-nos em seus lugares e reconhecendo que seu desinteresse não passa de um deslocamento de interesse para outros assuntos e questões que não têm espaço na escola?

Reconhecer o aluno como protagonista de sua trajetória de vida, instigando suas capacidades reflexivas e propositivas para fazer um *Raio X* de problemas e soluções, perpassando seu âmbito pessoal e indo até o diagnóstico do país; valorizar seus anseios, habilidades expressivas e suas práticas culturais (fotografia, grafite, teatro, dança, entre outras), como foi o intuito das Oficinas que desenvolvemos, atua de forma especial no resgate da auto-estima do aluno, afirma sua identidade, provoca o sentimento de pertencer a um grupo, faz com que o jovem se queira bem e não desperte medo, mas admiração - é este, enfim, o pedido de todos nós. Gostar de si é fator fundamental para afastar as pessoas do abuso de drogas, do envolvimento em brigas e crimes, ou seja, das situações que põem em risco a vida física e emocional.

Chamar a atenção de pais de alunos à reflexão acerca dos processos de violência escolar e social a que todos estamos submetidos, como se procedeu neste projeto, os tornam mais participativos e compromissados com a formação dos filhos. Como mostraram as respostas dos alunos à enquete *Raio X*, a família é a grande base de sustentação moral e emocional para a maioria deles, daí a importância da participação dos pais no processo de educação e prevenção da violência.

Não obstante o êxito do projeto nas duas escolas de ensino médio em que foi desenvolvido, deve-se levar em conta que prevenir ou atenuar as manifestações de violência entre os jovens é algo que se vai conquistando paulatinamente, uma vez que a instituição escolar não existe de forma autônoma, isolada da sociedade em geral; ela influencia e é influenciada, detendo os papéis de reprodutora e de transformadora da realidade vigente. A união entre pais, professores, alunos e comunidade pode contribuir com a construção de uma escola verdadeiramente cidadã; uma escola formadora de cidadãos críticos e participativos, que busquem nas vias éticas e pacíficas a luta para o enfrentamento da violência e, conseqüentemente, por mais qualidade de vida.

O projeto abriu caminho, lançou algumas sementes: ao publicar dois Boletins Informativos, de alta qualidade gráfica, e distribuí-los em inúmeras escolas, disseminando idéias e ações; ao realizar o " I Encontro de crianças e adolescentes com a cidade", encerrando as atividades do projeto, que contou com a participação de 300 representantes da cidade e região; ao dar visibilidade às práticas culturais e interesses extra-classe dos alunos; ao aproximar mais os pais da discussão dos problemas escolares; ao afirmar junto aos professores a idéia de "educador além da lousa" e ter provocado outras maneiras de ensinar. Mas, mais do que mudar a maneira de ensinar, há que se mudar a maneira de pensar; mais que pensar, há que se desejar mudanças sociais profundas na sociedade brasileira e, para tanto, há que se caminhar muito.

Aprendemos com o poeta Antonio Machado a lição, já bastante conhecida, de que não há caminho, que o caminho vai se fazendo ao andar. Ao andar, um dos pés, alternadamente, pisa o chão; o outro está no ar. Assim também é preciso caminhar com nossos projetos por esse terreno movediço da educação: com o pensamento fincado na realidade e o sonho no mundo, reconhecendo com Eduardo Galeano (2000) que "o melhor do mundo é que ele contém muitos mundos".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. *Escolas de Paz* . Brasília: Edições Unesco, 2001.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas:a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

CÂNDIDO,Antonio et all.*DireitosHumanose Literatura.* São Paulo:Brasiliense,1992.

CASTRO, Lúcia Rabelo de (org.). Crianças e Jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: NAU Editora/FAPERJ, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. As faces da Violência. *Percurso*, ano 1, 1988.

_____. *A ética democrática e seus inimigos*. Texto extraído das conferências realizadas pelo Programa Brasília capital do debate - Elimar Pinheiro do Nascimento (seleção de textos). Rio de Janeiro/Brasília: Garamond, 1997.

FÉLIX, Sueli A. *A geografia do Crime: diagnósticos para uma ação social comunitária.* Relatório apresentado à FAPESP. Marília 2002.

GALEANO, Eduardo. Depois do futebol: futebol em pedacinhos. In: CARRANO, Paulo C. R. (org.) *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JUSTO, Carmem Sílvia S. Violencias y niños em situación de calle en Brasil: uma mirada ecológica. *Educación Social. Revista de Intervención Socioeducativa*. Barcelona, n.11, jan.-abr.,1999.

_____ .*Sociedade global e infância negada*. In: DAL RI, Nela Maria. (org). *Desafios da Educação do fim do século.* Marília: UNESP Publicações, 2000.

_____ . *Os Meninos fotógrafos e os Educadores: viver na rua e no projeto Casa.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LASCH, C. *Cultura do narcisismo.* Rio de Janeiro: Imago, 1979.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MENDONÇA, Sueli G. *Ciências Humanas e educação básica: o desafio do fazer pedagógico*. Relatório apresentado ao Núcleo de Ensino da Unesp/ campus de Marília, 2002.

MORIN, Edgar. A ética do sujeito responsável. In: CARVALHO, Edgard de Assis (org.) *Ética, Solidariedade e Complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

SEVCENKO, N. et all Entre o paraíso e o inferno. In: *Arte pública*. Coletânea de trabalhos apresentados no Seminário sobre Arte pública, em novembro de 1996. São Paulo: SESC, 1998.

TRAGTEMBERG, Maurício. *Burocracia e ideologia. São Paulo:Ática, 1974.*

ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso*. São Paulo: Editora Escuta; Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 1994.